

A ecologia de Marx: materialismo e natureza

JOHN BELLAMY FOSTER

São Paulo: Expressão Popular, 2023. 384 p.

*Laura Luedy**

A ecologia de Marx é uma das obras capitais do ecossocialismo – corrente teórico-política que ganhou seus primeiros contornos na década de 1980 –, e que tem recebido crescente atenção nos últimos anos. Publicada originalmente no ano de 2000, ela documenta a pesquisa a partir da qual o economista e cientista político John Bellamy Foster lançou as bases do que chama de “segundo estágio” do ecossocialismo – um momento da produção intelectual dessa corrente marcado pelo reconhecimento de que já havia no pensamento social de Marx e de Engels uma dimensão ecológica central e de maior alcance crítico do que as diferentes “teorias verdes” disponíveis.

A tese fundamental do livro é a de que o nexos necessário entre a dinâmica material própria ao modo de produção capitalista e o agravamento de importantes perturbações ecológicas se encontra exposto no que há de essencial desde a redação do primeiro volume d’*O capital*. Marx só teria podido alcançar esse discernimento porque aliara uma postura filosófica de ordem epistemológica, ontológica e prática materialista-racional à atenção continuada aos principais debates científicos – como aos políticos – da época.

* Doutora em Sociologia - IFCH/Unicamp. E-mail: lauraluedy@gmail.com

Em sua tese de doutoramento, a escolha por dar foco à filosofia de Epicuro fazia frente aos pressupostos metafísicos e teleológicos de diversos projetos intelectuais e políticos de seu tempo. Foster lembra que o epicurismo, por defender um materialismo em grande medida não-determinista, já havia sido recuperado pelas ciências renascentistas e iluministas em contraposição à visão de mundo escolástico-aristotélica que dominou ideologicamente a Europa ocidental durante a Idade Média e que sobreviveria na Modernidade principalmente na forma relativamente modificada da “teologia natural”.

Depois da conclusão desse primeiro trabalho de fôlego, o saldo intelectual do estreitamento das relações de Marx com a militância e a intelectualidade comunista e socialista na Alemanha e na França foi, a princípio, o reconhecer no naturalismo humanista de Feuerbach uma versão aperfeiçoada do materialismo filosófico, despojada dos resquícios de mecanicismo associados ao entendimento pré-moderno sobre a natureza do átomo ainda presentes em Epicuro. Combinando, nos anos seguintes, essa base filosófica com seus estudos histórico-jurídicos e político-econômicos, ele logo estaria em condições de formular suas primeiras reflexões sobre o “desprezo e [a] degradação prática da natureza” sob o “regime da propriedade privada e do dinheiro” entre 1843 e 1844.

Pouco tempo depois, tais reflexões seriam especificadas à luz de sua leitura do *Esboço para uma crítica da economia política* (1844) de Engels. O artigo o levaria a concluir que aquela “alienação da natureza” era determinada, em última instância, pela maneira como o trabalho é organizado na sociedade burguesa, e chamaria sua atenção para a enorme influência que tiveram os argumentos do pároco Thomas Malthus na economia política de seu tempo – particularmente os de que (1) a plena eficácia da produção dos meios de subsistência só estaria garantida no regime baseado na propriedade privada e no trabalho livre, e de que (2) mesmo nesse caso algum nível de miséria social seria inevitável, posto que o acesso facilitado aos meios de subsistência nunca poderia acompanhar a taxa de crescimento natural das populações. A crítica desses argumentos teria obrigado Marx, nos anos seguintes, a se dedicar ao estudo mais detido das variações históricas das forças e dos modos de produção agrícola.

Por um lado, tal direcionamento teria acentuado a sensibilidade histórica de suas análises e contribuído para que, em 1845, ele passasse a avaliar que a variante de materialismo promovida por Feuerbach não contemplava suficientemente a dinâmica da prática social e suas consequências. Essa constatação o levou a desenvolver seu “materialismo prático” nos anos seguintes, sem com isso negar seu materialismo ontológico e epistemológico de fundo, Foster insiste. Seus próximos textos conciliaram a consideração das variações históricas nos produtos materiais e ideais da atividade humana com o discernimento de que elas têm seu espectro determinado, em última instância, pela maneira como é organizada a reprodução das pré-condições da vida material humana (que, por sua vez, envolvem sempre dimensões sócio-históricas e dimensões histórico-naturais em interação).

Por outro lado, aquele interesse pelo estudo das variações históricas das forças e modos de produção agrícola, expandido entre 1846 e 1847 para incluir também a produção industrial, teria exigido de Marx que ele acompanhasse de perto o estado de certos ramos ciências naturais. A geognose de Abraham G. Werner e a geografia histórica de Karl Ritter contribuíram notavelmente para assentar as bases de sua concepção de “história natural” na segunda metade da década de 1840.

Na década de 1850, os estudos agronômicos do economista político James Anderson também lhe serviriam ao redimensionamento da crítica a Malthus à luz da teoria da renda de David Ricardo. Enquanto esses últimos pressupunham que as diferenças de fertilidade do solo eram praticamente fixas, Anderson demonstrara que a fertilidade natural do solo podia variar consideravelmente pela ação humana, tanto positivamente, por meio de práticas como adubação, drenagem, irrigação etc., quanto negativamente, pelo cultivo inadequado – uma tendência fortalecida tanto pelos conflitos de interesse que resultavam das relações correntes entre rentistas e arrendatários, quanto pelas dificuldades que a crescente separação entre campo e cidade impunha à reposição dos resíduos orgânicos retirados dos solos durante a produção. Tais argumentos seriam refinados mais tarde por Justus von Liebig, cuja química agrícola Marx também examinaria na esteira dessa discussão.

Entre os anos 1840 e 1850, Liebig tendera a enfatizar, de maneira otimista, as possibilidades de aumento da produção agrícola a partir do uso de fertilizantes. Na década de 1860, porém, seus textos dariam uma guinada negativa, ressaltando que a agricultura moderna promovia um “sistema de espoliação” das condições de fertilidade do solo. Marx teria acompanhado essa mudança e se apoiado em grande medida na obra de Liebig para defender, n’*O capital*, que (1) a produção capitalista cria em nível global “as condições para uma ruptura irremediável no contexto do metabolismo” ou da “troca material” entre “sociedade e natureza”, mediada pelo trabalho, e que (2) a regulação racional e cientificamente informada desse processo precisaria ser almejada pelos “produtores associados” numa sociedade pós-capitalista. Somente então a concepção de natureza de Marx teria se integrado plenamente a sua concepção da história, ao ver de Foster. Nas décadas seguintes, ambas ainda seriam refinadas no sentido de contemplar a ideia de sua coevolução, na esteira dos debates suscitados por Darwin e pelas considerações sobre a evolução humana de seus continuadores.

A importância que as noções de metabolismo, em geral, e metabolismo socioecológico, em particular, assumem nas reflexões de Marx a partir de fins da década de 1850 explicaria, Foster defende, o interesse que ele demonstrou nas décadas seguintes por trabalhos de fisiologia, energética, geologia e química, para além da atenção particular que prestou ao tema das relações tradicionais com a terra em diversos recortes sócio-históricos. É sobretudo por lançar hipóteses originais e bem fundamentadas sobre o sentido sistemático que teriam certos interesses de pesquisa de Marx que ainda eram, à época, tomados como meramente circunstanciais, que o livro de Foster merece leitura.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/cma/issue/archive>

CRÍTICA marxista

Engels resenha obra de Marx

Michael Heinrich

Marx sob o crivo de Darwin

Dominique Lecourt

O marxismo de Fredric Jameson

Giovanna Marcelino

DOSSIÊ "A crítica pachukaniana do Direito"

Thiago Barison (Org.)

52